

CARIRI CEARENSE: A INVENÇÃO DE UM LUGAR INCOMUM (SÉCULOS XIX E XX)

*Denise de Menezes Dantas¹
Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez²*

RESUMO

O Cariri Cearense, localizado no Sul do Ceará, na Bacia Sedimentar do Araripe, é descrito pelos intelectuais da região, como Irineu Pinheiro, José de Figueiredo Filho, dentre outros, como um lugar diferente, incomum. Tais denominações se dão devido ao clima, vegetação, solos, bem peculiares da região, ou seja, por conta da natureza predominante no Cariri cearense. Esses escritores usaram a natureza deste local para enaltecê-lo ainda mais. Na maioria dos discursos produzidos sobre a região, ela aparece como um ambiente abundante, fértil, prodigioso, e uma das mais comuns é a ideia do Cariri como um “oásis em meio ao sertão”, isso tudo também graças a Chapada do Araripe. Apesar de ser uma região interiorana, o Cariri não poderia, diante das condições naturais que apresenta, ser considerado sertão. Os periódicos que circularam na região e as obras de intelectuais caririenses tentam pontuar a diferença flagrante entre o Cariri Cearense e o sertão circundante. Dessa forma, este trabalho objetiva analisar algumas das denominações que se construíram acerca da natureza da região e como suas características naturais foram usadas para destacá-la, utilizando como fontes a produção historiográfica local, que consiste nas obras de José de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro; bem como, Diários de Viajantes, a Revista “Itaytera” e o Jornal “O Araripe”.

Palavras-chave: Cariri Cearense; Natureza; Sertão.

INTRODUÇÃO

A região do Cariri Cearense, também conhecida como um “Oásis no sertão”³ é detentor de uma natureza bem peculiar, que foi por vezes o ponto chave de vários discursos produzidos na região. Situado na Bacia sedimentar do Araripe, no Sul do Ceará, a região do Cariri é beneficiada pelas inúmeras fontes de águas que brotam do Sopé da Chapada do Araripe, grande responsável pelas condições naturais que ela detém, sendo ela muito enaltecida nos veículos que comunicação diante da grandiosa contribuição dada a esta região.

O sopé da Chapada é formado por um solo esponjoso que, dessa forma, consegue absorver uma grande quantidade de água durante o período chuvoso. É do seu sopé que brotam inúmeras fontes de água, contribuindo para uma melhor conservação da fauna e flora da região.

¹ Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

² Professora Mestre do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA.

³ Expressão comumente usada para caracterizar o Cariri Cearense. Tal expressão surge por conta das inúmeras fontes de água que brotam do sopé da Chapada do Araripe, tornando assim o Cariri conhecido como um oásis em meio ao sertão que o circunda.

Intelectuais caririenses como, José de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes, dentre outros, descreveram a região em seus aspectos naturais de forma muito enfática e enaltecida. Nos escritos produzidos por esses intelectuais, assim também como nos jornais e revistas que circularam pela região, é muito comum encontrar expressões como “jardim terreal, terra verdejante, paraíso terrestre”, dentre outras denominações.

A natureza, dentre muitos outros aspectos a se destacar no Cariri, foi sem dúvida o principal deles. Um meio pelo qual se buscou apresentar uma região bela, prodigiosa, fértil, abundante e por isso uma região diferente, incomum. Conforme Raymond Williams, várias ideias são projetadas na natureza, que variam de acordo com objetivo de quem está falando. Era grande o interesse de se construir uma identidade própria para esta região e por isso a insistente tentativa de colocá-la como um lugar de destaque, que se diferenciava das regiões circunvizinhas.

Dessa forma, criou-se um espaço prodigioso, incomum e em contraste a ele caracterizou-se uma região árida, sem vida, de péssimas condições. Essa diferença é bastante pontuada nos discursos, colocando essa ideia de uma dicotomia total entre o Cariri e o sertão circundante, que, justamente por ser um lugar tão diferente, não poderia, dessa forma, ser considerado sertão.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de monografia, que está apenas no início. Propõe-se analisar as ideias que se construíram em torno da natureza da região do Cariri cearense e como esse Cariri foi narrado, descrito por pessoas tidas como importantes na região.

Como aporte teórico, me utilizo das leituras e autores da área de História Ambiental, como por exemplo, Paulo Henrique Martinez, Raymond Williams, Keith Thomas, dentre outros, que permitem fazer uma análise das relações que se estabeleceram entre o homem e a natureza ao longo dos tempos, relações estas que foram se modificando, porém, algumas ideias projetadas sobre essa natureza se perpetuaram por bastante tempo, algo perceptível se for feito um paralelo entre a documentação do século XIX e século XX.

A REGIÃO DO CARIRI E A CHAPADA DO ARARIPE.

Conhecida como um “Oásis no sertão”, a região do Cariri é bastante descrita e trabalhada em muitos estudos, visto que ela é composta por múltiplos aspectos interessantes de serem estudados, seja pela sua diversidade cultural, por sua efervescência religiosa,

aspectos políticos, econômicos e por suas riquezas naturais. São justamente os aspectos naturais da região que interessam aqui, no qual, para a construção desse trabalho, me debruçarei sobre as ideias que se construíram e se perpetuaram por alguns anos sobre a natureza do Cariri Cearense, tendo como principal ponto a Chapada do Araripe.

A região que veio a ser chamada de Cariri situa-se na Bacia Sedimentar do Araripe, ao Sul do Estado do Ceará. “É um brejo de encosta e de vale que se estende em parte de depressão sertaneja” (MENEZES, 2007, p.341). Antes da colonização, essas terras foram ocupadas pelos índios da tribo Cariri, daí surge o nome para a referida região, que ficou conhecida em todo o Estado pela diversidade que apresenta e, principalmente, pela “natureza exuberante e prodigiosa”, como foi caracterizada pelo discurso produzido, colocando este lugar como privilegiado por ter a Chapada do Araripe.

Devido sua delimitação geográfica e outros aspectos, sejam eles culturais, sociais ou econômicos, o Cariri cearense desde a colonização manteve um vínculo maior com os estados do Pernambuco e Paraíba do que com a própria capital, Fortaleza. (ALCANTARA, 2013). Essa ligação do Cariri com o Estado do Pernambuco é visível também na participação que a região teve em alguns acontecimentos históricos que emergiram no Pernambuco, mas que se estenderam aos estados vizinhos, como é o caso da Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederações do Equador de 1824. Ambos os acontecimentos tiveram participação e apoio da região do Cariri.

Detentora de um clima bem peculiar, de uma vegetação diversificada e abundância de água, a Região do Cariri foi colonizada por volta do século XVIII. O historiador Carlos Rafael Dias, ao tratar sobre esse assunto, ressalta que o tema necessita de uma revisão historiográfica, utilizando-se de novas teorias, visto a contradição que o mesmo apresenta. Existem divergências sobre quem seriam os povos colonizadores do Cariri e as vias de acesso que os mesmos teriam utilizados.⁴

Além de afirmar que a colonização do Cariri se deu por baianos e pernambucanos, existe ainda uma versão que ela teria se dado com a presença dos missionários italianos advindos de Recife, versão que apresenta um caráter mais religioso sobre este acontecimento. Segundo o historiador Carlos Rafael, é possível apresentar duas maneiras de ocupação desse território,

⁴ DIAS, Carlos Rafael. Histórias e Grafias da Colonização do Cariri Cearense. 2014

A primeira delas, com certeza, em tempos imemoriais, conforme atesta antigos registros rupestres e outros achados arqueológicos, alguns relacionados à cultura dos povos cariris. [...] A segunda forma de ocupação de espaço caririense, ocorrida no bojo da colonização brasileira perpetrada, notadamente, pelos portugueses a partir da “descoberta” e conquista desse rincão do “novo mundo” deu-se com a expansão da pecuária e através dos chamados “caminhos de gado” ou “caminhos dos sertões”. (DIAS, 2014, p. 03)

A ocupação do interior do Ceará se deu principalmente com a expansão da pecuária, notadamente em um período que se proíbe a criação de gado na faixa litorânea, sendo que esta ficaria reservada para o cultivo da cana de açúcar devido possuir condições mais propícias para seu cultivo. Segundo Irineu Pinheiro, o Cariri Cearense teria sido descoberto no final do século XVII e início do século XVIII. Ele afirma a presença significativa de baianos, que chegam na região nas primeiras décadas do século XVIII, afirmando também que muitos dos colonizadores da região do Cariri eram provenientes de Pernambuco e Sergipe. “O cariri foi alcançado pelos povoadores do chamado ciclo da civilização do couro. Vieram da Bahia, Sergipe e Pernambuco [...] Muitos alcançaram o riacho dos porcos, daí se bifurcando para o Jaguaribe, ou penetrando nos terrenos férteis ao sopé do Araripe.” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.18).

O Padre Antônio Gomes de Araújo, em seu livro *Povoamento do Cariri*, apresenta com exatidão a presença desses colonizadores na região, mostrando que os traços desses povos estão na formação social do Cariri, elencando assim a descendências dos mesmos na região. “O traço sergipano, pois, à igual do pernambucano e baiano, está, indelevelmente, impresso na fisionomia originária do coração do Cariri” (ARAUJO, 1973, p.95).

Por se tratar de uma região abundante em água, coloca-se que não haveria tantos problemas para sua ocupação, visto que o meio possibilitava condições favoráveis para o desenvolvimento de atividades voltadas para o sustento humano, como por exemplo, a pecuária e posteriormente a agricultura. Figueiredo Filho destaca tais aspectos, mostrando que “[...] foi a expansão da criação de gado e, logo depois, da agricultura, com tôdas as possibilidades que o solo fértil caririense oferecia ao alienígea, as causas primordiais da colonização sul – cearense”. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.20) A exploração dos recursos naturais da região sempre existiu, desde a época da colonização. Com isso podemos pensar as relações que o homem estabeleceu com a natureza ao longo dos tempos, visto que, como apresenta Keith Thomas em *O homem e o meio natural*, as relações estabelecidas do homem com a natureza ganham diferentes formas e significados com o passar dos tempos. A natureza deixa de ser algo ligado a barbárie e passa a ser objeto de admiração do ser humano.

Nos discursos formulados sobre a região, as palavras utilizadas assumem um caráter de valorização e exaltação da mesma, mostrando-a como um espaço detentor de condições jamais encontradas no seu entorno. É descrito como um paraíso terrestre, uma atmosfera revigorante, dentre outros aspectos que são usados para caracterizá-la.

O cariri é uma região do sul do Ceará, situada ao sopé do Araripe. É irrigada em grande parte por dezenas e dezenas, de fontes perenes, brotadas daquela serra que o separa de Pernambuco e causa principal da situação privilegiada, que sua natureza desfruta, em contraste com a caatinga ressequida que o circunda. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p.5).

É dessa forma, que o Cariri Cearense é descrito. Uma região de muita abundância e solos férteis. No entanto, vale aqui chamar atenção para um aspecto: nem toda a região do Cariri é dotada com essa abundância de água e esse clima ameno e aprazível como comumente é descrito. Existem cidades da região que não apresentam tais condições naturais, como destaca o historiador Darlan Reis Junior,

Na verdade, a região não é toda banhada pelas águas, nem tem todos os solos férteis. A área com essa configuração é a da Chapada do Araripe, principalmente a da região do Crato, vila até a metade do século XIX, tornando-se cidade no ano de 1853. A Chapada proporcionava solos férteis e um manancial de águas que, se não ficaram totalmente imunes ao problema da seca, constituíram-se em reserva importante do *continuum agrário* cearense. (REIS JUNIOR, 2011, p. 2)

Elabora-se um discurso para a região, aplicado em toda sua extensão, não levando em consideração que toda a área que constitui o Cariri cearense não apresenta as mesmas condições geográficas. As áreas que mais se beneficiam e detêm tais condições, como mostra a passagem acima, são as áreas mais próximas a Chapada do Araripe, grande responsável pelas condições climáticas e vegetais, ou seja, pela natureza predominante na Região do Cariri.

A Chapada do Araripe compreende os Estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, no entanto, como já foi mencionado, o foco da pesquisa é centrado na porção cearense da Chapada, que apresenta aspectos bem peculiares, demonstrando uma acentuada diferença das partes que pertencem aos outros dois estados.

Formado por um solo bastante permeável, o sopé da Chapada é considerado um grande reservatório de água. Durante o período chuvoso, uma grande quantidade de água é acumulada no sopé, graças a presença de um solo esponjoso que ela dispõe. Esse acúmulo é

responsável pelas inúmeras fontes de água cristalinas que jorram da Chapada do Araripe, o que mantém a vegetação em boas condições por longa parte do ano e o que garante um clima bem ameno nas suas proximidades.

Na chegada a cidade de Crato, é impossível não se admirar, segundo os autores estudados⁵, com esse extenso planalto que se estende de um lado a outro. Paisagem essa que foi descrita com muito encantamento e deleite por viajantes que aqui passaram e por pessoas da própria região. Na descrição feita por Irineu Pinheiro ele destaca que, “dos sertões do Ceará e Pernambuco, avista-se, distante de léguas, a serra do Araripe na sua imponente altitude, a separa-se do espaço por uma regular, extensa e nítida linha horizontal. Dá-se a impressão de uma paisagem em que, ao longe, se encontram céu e mar.” (PINHEIRO, 2010, p. 9) Percebe-se assim, a forma como a paisagem é descrita, onde se expressam todos os sentimentos que sente-se ao se deparar com tamanha beleza.

É nessa perspectiva que se discute a ideia de paisagem natural, como ela é comumente vista. Entretanto, a definição de paisagem apresentada pelo geógrafo Milton Santos, nos mostra que uma paisagem natural é algo praticamente inexistente, se consideramos a mesma como algo sem intervenção humana. Segundo Milton Santos, “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 2012, p. 67-68.). É possível compreender que a paisagem não se trata apenas de um volume de cores, é tudo que conseguimos abarcar com a visão, mas também o que se percebe através dos outros sentidos, ou seja, ela é conjunto heterogêneo, e nos apresenta pedaços de vários tempos históricos, como é o caso das formações da Chapada do Araripe, na região do Cariri.

A Área de Proteção Ambiental (APA) na Chapada do Araripe foi criada pelo decreto federal de 04/08/1997. Ela abrange uma porção dos territórios do Ceará, Pernambuco e Piauí. A APA está localizada “entre 7°00 e 8°00 de latitude sul e 38°30 e 41°00 de longitude Oeste. Compreendo o topo, a encosta e parte do pediplano da Chapada. A APA abrange parte de 15 municípios cearenses, 12 pernambucanos e 11 piauienses.” (CAMPOS, 2002, p.16)

Com relação a extensão territorial, a APA compreende uma área de 1.050.00 hectares, desta porção 47% são relativos ao Estado do Ceará, 36 à Pernambuco e 17% ao Estado do Piauí. A Bio região do Araripe tem uma significativa importância pela existência de inúmeros fósseis que remontam ao período Cretáceo (CAMPOS, 2002). Dessa época encontram-se

⁵ José de Figueiredo Filho; Irineu Pinheiro; Padre Antônio Gomes, dentre outros.

inúmeros registros de fósseis nas rochas da Chapada, com restos vegetais e animais. Esses registros fósseis remontam a época que a região era formada por lagos sob a influência marinha. Diante desse patrimônio geológico, é que se dá a criação do Geopark Araripe pela Universidade Regional do Cariri – URCA, em 2005, tendo sido reconhecido pela Unesco em Setembro de 2006.

Na Chapada do Araripe, temos ainda a FLONA (Floresta Nacional do Araripe), criada pelo decreto lei 9.226 de 2-v-1946, abrangendo cerca de 38.262 hectares. Ela está localizada em uma região que predispõe a desertificação, sendo assim, sua tarefa é manter o “equilíbrio hidrológico, climático e edáfico do complexo sedimentar do Araripe” (CAMPOS, 2002, p.18). A FLONA protege as matas da Chapada, atuando na conservação da fauna. Protege ainda as fontes de água existente. A vegetação nessa área é bem diversificada, pode-se registrar quatro formações distintas, como mata úmida, cerrado, carrasco e transição mata úmida/cerrado - cerradão. Esses são os quatro tipos de vegetação que podem ser encontradas.

O CARIRI CEARENSE E O SERTÃO CIRCUNDANTE.

Os escritos que tratam sobre a região do Cariri Cearense além de descrevê-la, dedicaram-se a tentar de todas as formas, mostrar como ela se distingue das demais do Estado. Empenharam-se em retratar a região de tal forma, que fosse possível perceber uma disparidade gritante existente entre ela e as regiões circunvizinhas.

O principal elemento usado para conseguir tal objetivo, foi sem dúvida a natureza. O Cariri constitui um território múltiplo, envolvendo questões religiosas, culturais, políticas, ou seja, é um território marcado por vários aspectos e acontecimentos, que também são usados para enaltecê-la. No entanto, a natureza constitui um atrativo significativo para a construção do Cariri como um lugar incomum, como um lugar que detém características bem peculiares e, por isso, é perceptível seu destaque frente às regiões que o circunda.

Os elementos naturais da região são frequentemente usados para caracterizá-la. Seja em relatos de viajantes, que se “encantaram” com a região, seja em discursos produzidos pelos intelectuais caririenses, ou até mesmo nos estudos recentes que tem a região como objeto de análise, sempre se faz referência a natureza e é recorrente as discussões sobre a construção imagética que se deu em torno da mesma. Descrever a região do Cariri, seja em qualquer âmbito, a natureza é um dos aspectos recorrentes para identificação desse lugar considerado incomum.

Conforme Maria Soares,

A diversidade na composição paisagística da Chapada do Araripe em relação a paisagem “mais monótona” do entorno (depressão sertaneja) e o efeito visual da cobertura vegetal “vigorosa em verde”, mais concentrada atualmente na Floresta Nacional do Araripe (FLONA) constitui fatores enaltecidos pelos que atravessam os caminhos do Cariri. As fontes de água em todas as estações do ano, a densidade demográfica elevada nos principais núcleos urbanos na Região do Cariri são também aspectos realçados e materiais publicitários, que informam sobre a diferenciação dessa área em relação as circunvizinhas (CUNHA, 2012, p. 16).

A diversidade paisagística, como Maria Soares chama atenção acima, é um objeto de análise nos trabalhos regionalistas e também não deixa de ser usado em anúncios publicitários que tratam da região, a fim de persuadir o leitor sobre a natureza “edênica e prodigiosa” que o Cariri Cearense detém. Sempre chamando atenção para a paisagem ao seu entorno, apontando diferenças contrastantes.

De um lado o Cariri fértil, abundante, prodigioso, de outro, um sertão ressequido, árido, sem vida. Foi assim que o discurso tratou de construir o Cariri Cearense e o seu entorno. Espaços interligados, mas com duas fisionomias totalmente diferentes. Diante das características apresentadas no sertão circundante, o Cariri não poderia assim ser considerado sertão segundo alguns autores.

Partindo das descrições feitas no tópico anterior, percebe um pouco das características que detém a região Caririense, no qual desde o processo de colonização, a paisagem e suas condições naturais constituíram um atrativo para a colonização e povoamento desse espaço. A partir dos aspectos apresentados, constata-se que o Cariri realmente apresenta condições geográficas bem favoráveis, é uma região com características bem próprias e que impressiona pelas feições que apresenta.

Um dos aspectos bem presentes nos discursos produzidos na região é o fato de o Cariri, diante das condições que dispõe, ser considerado sertão. Nas análises feitas, é recorrente estabelecer uma comparação dessa região com as circunvizinhas, apontando, assim, características de cada uma demarcando suas diferenças. Há um grande esforço em construir uma região bela, prodigiosa, diferente e até mesmo incomum. Só em um lugar incomum pode-se imaginar tanta abundância em água numa região que geograficamente constitui os “sertões” do Ceará.

Quem rompe os sertões distantes da Baía, Alagoas e Pernambuco, onde predominam as suas formações xerófilas, com sua vegetação de espinho, em galgando a chapada

do Araripe, pela encosta setentrional, ao atingir o alto da serra sente logo a mudança da paisagem geográfica, e mais deslumbrado fica, ao avistar do lado cearense, a natureza ressurgida na exuberância da flora e no verde dos canaviais que pontilha a terra com o verde gaio da sua folhagem. A vista do viajante descansa, em contemplando a natureza vigente em todo o Vale do Cariri. É um oásis em meio as terras adustas dos sertões nordestinos (ALVES, *apud*, CORTEZ, 2008, p.31).

Demarca-se então, as disparidades existentes nos sertões nordestinos. Apontando também para a abundância em água existente nesse território. Há sempre o empenho de pontuar essas diferenças colocando o Cariri cearense em um lugar de destaque. Os intelectuais que escreveram sobre a região demarcam bem tais aspectos e afirmam que o caririense não gosta de ser considerado sertanejo, nem da ideia que reside no sertão, visto que os aspectos que a região detém não se assemelham em nada as características do sertão. Figueiredo Filho destaca que,

A diferença entre a sua natureza e a da circunvizinhança é bem flagrante. Daí o filho do cariri, apesar de bem interiorano sentir que sua região é inteiramente fora do serão propriamente dito. Não fica satisfeito o caririense quando alguém o chama de sertanejo, e seu Cariri de ser. Não toma a palavra sertão no seu sentido mais amplo, na acepção de zona do interior, afastado da faixa litorânea (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 05).

Leva-se em consideração o fato do termo “sertão” ser associado ou mesmo designar um lugar árido, seco, de terra rachada, que apresenta péssimas condições, e não pelo outro sentido do termo, que pode designar as áreas distantes do litoral, que geralmente recebem essa classificação.

A Chapada do Araripe em muitos discursos é caracterizada como a responsável por essa natureza deslumbrante da região, por isso vários discursos também se construíram em torno dela, de modo que muitas vezes ela aparece como a responsável pela paisagem e atrativos naturais da região, tendo assim grande importância para a mesma, no qual considera-se o Cariri um espaço privilegiado por ter a Chapada do Araripe. A Chapada aparece como a grande responsável pela existência do Cariri Cearense. Várias representações se criaram sobre a região do Cariri cearense e a Chapada do Araripe.

Como destaca a historiadora Ana Sara Cortez,

[...] falar sobre esse Sertão é tratar um conceito que frequentemente escorrega das mãos; é apreender uma região de uma multiplicidade imensa, construída ao longo dos tempos como uma perfeição, mas que em alguns momentos mostra traços de contravenção. Continua sendo um sertão diferente, todavia, vagando entre o mito e a realidade (CORTEZ, 2008, p. 32).

O conceito denota assim, vários significados e a própria palavra vai contra o sentido, a imagem, o discurso que se produziu para a região. Apesar das ideias que se criaram não deixa de ser um espaço pertencendo ao sertão. E como destaca a historiadora Ana Sara Cortez, é um sertão diferente, que foi construído entre o mito e o real.

CONCLUSÃO

O Cariri Cearense constitui uma região de multiplicidades, sejam elas sociais, religiosas, culturais ou naturais. É uma região bastante rica e explorada em vários estudos e pesquisas. Os intelectuais como José de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, Padre Antonio Gomes, e também os veículos de comunicação que aqui circularam, descreveram a região em busca de construir uma identidade própria para ela.

Era preciso ir muito além de meras descrições, os textos e narrativas demonstram a defesa intransigente da região. Dentre os vários aspectos abordados, a natureza favorável que ela detém caiu perfeitamente bem para a construção do Cariri como um lugar fértil, prodigioso, de muita abundância. A Chapada do Araripe aparece como a responsável por toda essa exuberância natural predominante na região, como eles afirmam. Devido o solo bastante esponjoso no seu sopé, muita água consegue ser retida, fazendo com que mesmo nos períodos mais secos, a natureza da região não fique totalmente ressequida. Por esses e outros motivos a Chapada do Araripe é muito idealizada na produção em geral da região.

As relações entre homem e natureza se modificam ao longo dos tempos, de forma que ambos influenciam um ao outro. Dessa maneira, o discurso produzido no século XIX, apresentando descontinuidades e permanências, é propagado até o século XX. No entanto, as relações estabelecidas entre o homem e esse meio natural muito se modificaram. Os usos e as formas de perceber essa riqueza natural da região se modificaram bastante. Nos dois períodos acima destacados, e diante do que foi apresentado ao longo deste artigo, é visível a tentativa de dar ao Cariri um lugar de destaque com relação as regiões circunvizinhas, de pontuar as diferenças entre ambas, apontando o Cariri Cearense, diante das condições que apresenta, como um lugar incomum.

Várias ideias são projetadas em torno da natureza, de modo que são elas e as relações que estabelecemos com o meio, que vão lhe conferindo diferentes atribuições. Conforme Raymond Williams, as ideias projetadas variam de acordo com os nossos objetivos, por isso

torna-se fundamental e importante analisar os interesses desses intelectuais ao “inventarem” uma região incomum, um “sertão diferente”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Antonio Gomes de. **Povoamento do Cariri**. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato. Coleção estudos e pesquisas, 1973.
- BEZERRA, Cícera Patrícia Alcantara. **O renascer pujante: Escritas sobre o folclore caririense entre as décadas de cinquenta e setenta do século XX**. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN, 2013.
- CAMPOS, Nágila Maria Pereira. **Avaliação da Degradação Ambiental na Chapada do Araripe Provocada por Incêndios Florestais**. Dissertação (Especialização), Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato, CE, 2002.
- CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. **Cabras, caboclos, negros e mulatos: a família escrava no cariri cearense. (1850-1884)**. 2008. 245 p. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Ceará – UFC.
- CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re) visão e explorações historiográficas de abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)**. 2012. 232 p. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Ceará – UFC.
- DIAS, Carlos Rafael. **Histórias e Grafias da Colonização do Cariri Cearense**. Crato-CE, 2014.
- FIGUEIREDO FILHO, José de. **História do cariri**. Vol. I (capítulos 1-5) Coedição secult/ Edições URCA. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- MENEZES, Edith Oliveira. **O Cariri Cearense**. In: BORZACCHIELLO, José; DANTAS, Eustógio W. Correia e CAVALCANTE, Tércia Correia (Org.) Ceará: um novo olhar geográfico. – 2. Ed. Atual – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Silva. **Fenologia da Vegetação do Cerradão na Chapada do Araripe – Crato/CE**. Dissertação (Especialização), Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato, CE, 2002.
- PINHEIRO, Irineu. **O cariri: seu descobrimento, povoamento, costume**. Coedição secult/ Edições URCA. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- RAYMOND, Williams. **Ideias sobre a Natureza**. In: Cultura e Materialismo. São Paulo: UNESP, 2011, p. 89-114.
- REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Natureza e Trabalho no Cariri cearense**. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011. p. 1-14.
- SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: **Metamorfoses do Espaço Habitado** (Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia). São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 2012, p. 67-81.
- THOMAS, Keith. *Árvores e Flores*. In: **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 229-287.